

O Continente da Liberdade

Raul Pilla

TEM-SE considerado a América o Continente da Liberdade. Os homens que a vinham povoar fugiam à intolerância, à opressão, à tirania do Velho Continente. Descontado o trágico episódio do México e a brilhante exceção do Império brasileiro, nela não havia reis.

Mas, se historicamente se pode o nosso considerar o Continente da Liberdade, tanto que nos Estados Unidos se formularam certos princípios depois adotados, ampliados e, por assim dizer, humanizados pela Revolução Francesa, muito diversa é a realidade política e social. Excetuados os Estados Unidos e o Canadá, este, mais europeu do que americano, aquêle, beneficiário da formação política da Inglaterra, o que na América se tem visto são governos pessoais e mais ou menos despóticos. A ditadura, com as suas naturais consequências — revoluções e golpes de Estado — é a diátese latino-americana.

Dela temos manifestação eloquente no tratamento que, em muitos países, recebe a imprensa. Tão graves é o fenômeno, que se constituiu uma Sociedade Interamericana de Imprensa, destinada a defender a liberdade de expressão do pensamento. Foi agora divulgado o relatório do último semestre. É impressionante. Em nada menos que dez países, começando pela Argentina e terminando pela Venezuela, têm padecido atentados à liberdade de imprensa. Em alguns, pode-se dizer que ela não existe. Figura felizmente o Brasil na lista dos países que a preservaram. Mas há dez anos, a nossa imprensa também não era livre.

É o fenômeno bastante generalizado e profundo, para demandar investigação. Não basta lutar contra a falta de liberdade, como está fazendo a Sociedade Interamericana de Imprensa; é necessário ainda apontar-lhe e remover-lhe as causas.

Graves sociólogos dirão que se trata de fatores etnológicos, mesológicos, etc. Isto é, que nada se pode fazer, pois não dependem êles da vontade do homem. Seriamos povos definitivamente condenados à inferioridade, povos a oscilar continuamente entre a barbárie e a civilização. Entretanto, à vista se encontra a causa principal do fenômeno. É uma contradição entre os meios e os fins. Deveria ser a América o Continente da Liberdade, porque nêle não havia aquelas pelas milenares, que na Europa dificultavam a ascensão; caiu, entretanto, no despotismo. Por que? Por se ter adotado no Continente um sistema político, que, longe de educar os povos para o exercício da democracia, o dificultava, constitu-

cionando o governo pessoal e irresponsável, antítese perfeita do governo democrático.

Enquanto o sistema presidencial vigorar na América Latina, estará sujeita a imprensa às vicissitudes, de que nos dá conta o relatório do sr. Jules Dubois.

NOTA — Escrevi em meu último comentário, a respeito de Bernardes: «Tenho a impressão que êle não se dedignaria de ser prefeito ou vereador de Viçosa». A revisão estranhou a palavra e substituiu «dedignaria» por «indignaria». Ainda bem que a distorsão do pensamento não foi completa. Mas, cada vez mais me convenço de que o jornalista deve empregar uma espécie de português básico. Não sendo corrente a palavra, é muito provável que saia errada.

— R. P.